

Eles não usam Black-tie



Cena de *Eles não usam black-tie*. Foto: Divulgação

Ficha Técnica

Gênero: Drama

Direção: Leon Hirszman

País e ano de produção: Brasil/1981

Elenco: Gianfrancesco Guarnieri (Otávio), Fernanda Montenegro (Romana), Milton Gonçalves (Bráulio), Carlos Alberto Riccelli (Tião), Bete Mendes (Maria), Lélia Abramo (Malvina), Flávio Guarnieri (Chiquinho), Francisco Milani (Sartini), Rafael de Carvalho (Seu Jurandir), Paulo José (Padre Bastos), Fernando Ramos da Silva (como Bié), Nelson Xavier (investigador), Gésio Amadeu (Onofre), Lizette Negreiros (Silene), Renato Consorte (Alípio), Anselmo Vasconcelos (Jesuíno), Antônio Petrin (companheiro), João Acaiabe (companheiro), Mercedes Dias (esposa de Bráulio), Cristina Rodrigues (Teresinha), entre outros.

Classificação indicativa: Livre

Duração: 122 min

O filme está disponível gratuitamente no youtube e na plataforma Itaú Cultural Play.

Sinopse

Em São Paulo, em 1980, o jovem operário Tião (Carlos Alberto Riccelli) e sua namorada Maria (Bete Mendes) decidem casar-se, ao saber que a moça está grávida. Ao mesmo tempo, eclode um movimento grevista que divide a categoria metalúrgica. Preocupado com o casamento e temendo perder o emprego, Tião fura a greve, entrando em conflito com o pai, Otávio (Gianfrancesco Guarnieri), um velho militante sindical que passou três anos na cadeia durante o regime militar. O filme é adaptação da peça teatral homônima, escrita e encenada por Gianfrancesco Guarnieri, em 1958, marcante sucesso do Teatro de Arena, em São Paulo. Leon Hirszman, importante cineasta do Cinema Novo, diante dos movimentos grevistas de operários, nos anos 1980, propõe a Guarnieri a versão cinematográfica. Ambos escrevem juntos o roteiro. Guarnieri, que interpretou o filho na peça de 1958, desta vez, interpreta o pai sindicalista, ao lado de Fernanda Montenegro, no papel que na peça foi de Lélia Abramo (que faz uma participação afetiva no filme como Malvina, mãe de Maria). O filme e a peça trazem muitas outras conexões e homenagens a grandes artistas e à resistência operária no Brasil.

Sobre o diretor

Leon Hirszman nasceu no Rio de Janeiro, em 22 de novembro de 1937. Faleceu na mesma cidade, aos 50 anos de idade, em 15 de setembro de 1987. Leon morreu vítima de AIDS, depois de quase um ano de tratamento, deixando três filhos: Irma, Maria e João Pedro, e sua companheira, Cláudia Fares Menhem.



Leon Hirszman comemorando a vitória do filme no Festival de Veneza (1981)

Diretor, produtor, roteirista. Filho de imigrantes judeus poloneses. Aos 14 anos, por influência do pai, entra para o Partido Comunista. Em 1956, ingressa na Escola Nacional de Engenharia, onde funda seu primeiro cineclube. Conclui os estudos, mas não exerce a profissão. Tem o primeiro contato com a realização cinematográfica como assistente na filmagem de *Rio, Zona Norte* (1957), de Nelson Pereira dos Santos (1928). Em 1958, com o cineasta Joaquim Pedro de

Andrade funda a Federação de Cineclubes do Rio de Janeiro e, mais tarde, o movimento Cinema Novo.

Em 1961, colabora com a fundação do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), liga-se a Augusto Boal, Gianfrancesco Guarnieri e Oduvaldo Vianna filme. Através do CPC, dirige seu primeiro filme, *Pedreira de São Diogo*, um dos episódios do longa-metragem *Cinco Vezes Favela* (1962). No longa, também trabalha como produtor. Entre 1963 e 1964, ainda pelo CPC, dirige o curta *Maioria Absoluta*, agraciado como melhor documentário no Festival de Viña del Mar (Chile), em 1965, e com o Prêmio Joris Ivens, no Festival de Oberhausen (Alemanha), em 1966.

Durante 1965, vive no Chile. Em 1966, de volta ao Brasil, cria a empresa produtora Saga Filmes com o cineasta Marcos Farias (1935-1985). A empresa produz *Garota de Ipanema* (1967), mas o filme não agrada nem público nem crítica. Em 1972, dirige *São Bernardo*, que recebe os prêmios Margarida de Prata e Air France de melhor filme. A produção é censurada e desencadeia uma crise financeira na empresa. Em 1979, filma *ABC da Greve*, montado postumamente em 1990. Com *Eles não usam Black-Tie* (1981), recebe reconhecimento de público e crítica, com oito premiações, entre elas, o Prêmio Especial do Júri – Leão de Ouro, no Festival de Veneza de 1981.

Leon Hirszman manteve uma coerência política como raros intelectuais e artistas. Foi militante quase toda a vida no PCB – Partido Comunista Brasileiro, mas agia além da militância, na defesa das causas populares por meio da arte, como grande defensor da práxis revolucionária. Além da paixão pelo cinema, era um apaixonado pela literatura e música popular brasileira, muito amigo de grandes artistas do samba de raiz e da MPB. Também se destacou na luta sindical em defesa de todos os trabalhadores do cinema, sendo um formulador de políticas públicas e de defesa do Cinema Brasileiro. Ao fim da sua curta vida, conheceu e se apaixonou pelo trabalho da psiquiatra Nise da Silveira, que aliou a arte aos tratamentos de seus pacientes e foi um símbolo da luta antimanicomial. Suas entrevistas com Nise ficaram inacabadas, em virtude do adoecimento de Leon, mas foram editadas por Eduardo Scorel, anos mais tarde, tornando-se material riquíssimo para quem pesquisa e luta em defesa da saúde mental do povo brasileiro. Leon realizou muitos documentários em curta-metragem como *Nelson Cavaquinho* (1969), a série *Cantos de Trabalho* (1975) e *Partido Alto* (1976). Entre 1983 e 1986, produz seu último trabalho, o tríptico *Imagens do inconsciente*.

Leon Hirszman lutou muito para que seu cinema fosse economicamente viável, em uma época em que as políticas públicas se limitavam à Embrafilme (criada

em 1969), que apoiava a finalização e distribuição dos filmes brasileiros. Alguns de seus filmes ficaram inacabados, logo após o golpe militar de 1964. Seu segundo longa-metragem, adaptação do romance São Bernardo, de Graciliano Ramos, foi realizado com sofisticação, por exemplo, fez questão de filmar em Alagoas, próximo à terra de Graciliano, teve supervisão do filho do escritor, teve trilha sonora exclusiva de Caetano Veloso, elenco primoroso. Ao ficar pronto, a censura cortou partes fundamentais do filme e só liberou para pessoas acima de 18 anos. Leon abriu processo para liberação das cenas e para baixar a classificação indicativa do filme, já que a obra literária era estudada nas escolas, por crianças de 12 anos. Essa luta durou meses, ele tinha empréstimos de banco a pagar e sua produtora foi à falência. Por conta disso, demorou muito para conseguir filmar novamente. A obra *Eles não usam black-tie* foi sua redenção, com muitos prêmios. Além de receber o Leão de Ouro em Veneza, também ganha, no mesmo Festival, o Prêmio da Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci), o Prêmio Agis Banca Nazionale del Lavoro, o Prêmio OCIC – Menção Honrosa Especial e o Prêmio Federação Italiana dos Cinemas de Arte (Fice).



Acho que a questão do intelectual orgânico, intelectual ligado ao povo, é uma questão chave para os nossos dias (...). O intelectual que jogue na defesa de um projeto de justiça social e de ampliação constante da democracia no país, é um intelectual que tem um caminho real.

(Leon Hirszman)

Filmografia de Leon Hirszman

Curtas metragens:

1960 – *A mais valia vai acabar, seu Edgar* (dentro de uma peça de teatro)

1962 – *Pedreira de São Diogo* (episódio de 5 vezes Favela)

1964 – *Maioria Absoluta* (doc)

1964 – *Minoria Absoluta* (doc interrompido)

1969 – *Sexta-feira da Paixão, Sábado de Aleluia* (episódio)

1969 – *Nelson Cavaquinho* (doc)

1969 – *Caetano/ Gil/ Gal* (doc interrompido)

1973 - *Ecologia* (doc)

1973 - *Megalópolis* (doc)

1975 - *Cantos de Trabalho no campo: mutirão* (doc)

1975 - *Cantos de Trabalho no campo: cacau* (doc)

1976 - *Cantos de Trabalho no campo: cana-de-açúcar* (doc)

1976/1982 - *Partido Alto* (doc)

1978 - *Rio Carnaval da Vida* (doc)

1983/1986 - *Imagens do Inconsciente* – baseado em pesquisas da Dra. Nise da Silveira; Série de 3 filmes em 16 mm, doc)

Longas:

1965 – *A Falecida*

1972 – *São Bernardo*

1976 – *Que País é este?* (doc)

1979/1980 - *ABC da Greve* (doc)

1981 – *Eles não usam black-tie*

1984 - *Bahia de Todos os Sambas*, co-direção de Paulo César Saraceni

1984 - *A Emoção de Lidar* – entrevista com Dra. Nise da Silveira (interrompido)

A música do filme: *Nós não usa os bleque tais*

Uma das pérolas desta obra é a sua trilha sonora.

O samba *Nós não usa os bleque tais* foi composto por Adoniran Barbosa e Gianfrancesco Guarnieri, para a peça de 1958. Uma amizade de dois ícones da cultura brasileira, que vai muito além do samba, pois revela uma visão de mundo, uma crítica ácida e bem humorada da elite, contada e cantada por quem vem

das classes populares. No filme, o samba é tocado apenas na versão instrumental, com regência impecável de outro artista de origem italiana e que tanto enriqueceu a música brasileira: o maestro Radamés Gnatalli . A versão instrumental pode ser vista neste arquivo que traz imagens dos filmes e dos artistas envolvidos:

<https://www.youtube.com/watch?v=WpL2Te44v9c>

O samba foi composto e lançado em 1958 pela RGE. Adoniran Barbosa a interpreta com o coro da RGE.

<https://discografiabrasileira.com.br/fonograma/114083/nois-nao-usa-os-bleque-tais>

A seguir, a letra do samba, que fala de um amor verdadeiro entre um casal pobre que se ama muito, bem representado pelo casal Otávio e Romana.

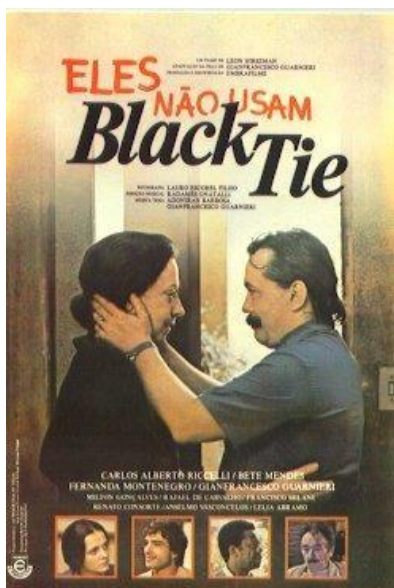
NÓIS NÃO USA OS BLEQUE TAIS

O nosso amor é mais gostoso
Nossa saudade dura mais
O nosso abraço mais apertado
Nóis não usa as bleque tais

Minhas juras são mais juras
Meus carinho mais carinhoso
Suas mão são mãos mais puras
Seu jeito é mais jeitoso
Nóis se gosta muito mais
Nóis não usa as bleque tais



Possibilidades de abordagem do filme na educação



Eles não usam black-tie, de Leon Hirszman, é uma obra que pode sensibilizar e trazer novos conhecimentos a estudantes de várias esferas de ensino e faixas etárias. É uma obra dos anos 1980, portanto, sua estética e temática devem ser contextualizadas, inclusive citando a peça teatral, de 1958, e o momento político vivido no Brasil nos anos de realização do filme.

Pode contribuir para minimizar o preconceito com o cinema brasileiro, uma vez que é muito emocionante e tem personagens muito bem construídos, oriundos das classes populares. Depois da contextualização, que pode ser breve, mas é fundamental, e da exibição do filme, outros aspectos podem ser aprofundados, sempre adequando o tom da conversa à faixa etária e universo cultural dos estudantes.

O Movimento operário no Brasil

O filme aborda o movimento operário que contribuiu para mudanças recentes na história política do Brasil. Trata-se de uma boa oportunidade para exercitarmos o debate político partindo de argumentos e dados objetivos, ainda que todos os participantes mantenham suas convicções pessoais.

O/a educador/a pode ouvir os estudantes sobre o que eles sabem a respeito da ditadura militar e sobre as lutas operárias no Brasil, para que esse repertório seja a base da conversa. É necessário salientar a complexidade desse período político, desde a implantação do Golpe Militar de 64, passando pela implantação dos Atos Institucionais até sua ruptura. Como os movimentos operários se organizaram nesse contexto? Quais figuras públicas atuais emergiram dessa fase? A perseguição, tortura, morte e desaparecimento de figuras políticas que contestaram a própria exploração é um tema que pode ser analisado não só no Brasil como também em outros países como Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile. O processo de anistia até a abertura do processo conhecido como “Diretas Já” é um momento crucial na história recente do Brasil e muito pouco debatido nas salas de aula. O filme de Leon Hirszman traz a moldura deste período do início dos anos 1980. Algumas possibilidades de aprofundamento:

- Aprofundar o conhecimento acerca da história sociopolítica brasileira, a partir da segunda metade do séc. XX. Em especial, situar que na atualidade, o Brasil acompanha o terceiro mandato do presidente Luís Inácio Lula da Silva, líder que surgiu no movimento operário dos anos 1980, período abordado no filme;
- Introduzir os/as estudantes nos conceitos fundamentais da luta de classes;
- Apresentar e refletir visões críticas a respeito do direito de greve do proletariado e da repressão empreendida pelas classes dominantes;
- Refletir sobre as perspectivas individuais e coletivas nos momentos de crise;
- Conhecer a proposta estética do Cinema Novo e outras expressões artísticas brasileiras;
- Em outubro de 1979, em uma greve de metalúrgicos em São Paulo, a polícia assassinou um de seus líderes, que conversava com seus companheiros na porta da fábrica. A morte de Santo Dias da Silva provocou enorme comoção e seu enterro levou 30 mil pessoas às ruas. Tal acontecimento foi um marco na luta contra o regime ditatorial e reforçou a luta dos metalúrgicos de São Paulo e do ABC. A cena final é inspirada no enterro de Santo Dias. Mais sobre a história deste operário no link: https://pt.wikipedia.org/wiki/Santo_Dias
- O filme aborda o movimento operário que contribuiu para mudanças recentes na história política do Brasil. Sugerimos como fonte de pesquisa do movimento operário no Brasil o site: <http://memoriasdeditadura.org.br/operarios/> . No mesmo site há muito material sobre as memórias do período da ditadura militar.
- O que mudou nas relações de trabalho da classe operária nos últimos anos, no Brasil e no mundo?



Guarnieri e Riccelli - pai e filho operários. Foto Divulgação

História e Cotidiano: quem são nossos heróis?



Carlos Alberto Ricceli, Gianfrancesco Guarnieri, Fernanda Montenegro, Flávio Guarnieri e Cristina Rodrigues.
Cena de uma família operária. Foto Divulgação.

A obra *Eles não usam Black Tie*, de Guarnieri e Hirszman, tem a qualidade de discutir o drama familiar à luz de um contexto político geral. É comum que jovens não relacionem sua vida cotidiana com a vida política do seu país. Para sugerir este debate o professor poderá rerepresentar as cenas finais:

- Na cena do velório de Bráulio (1'51"), Otávio diz ao filho Chiquinho que o filho deste ainda estudará Bráulio como personagem da História do Brasil. O que se tem a dizer sobre isso atualmente? Em que momento da nossa História operários se tornaram personagens estudados nas escolas? Que pessoas que pessoas mortas pela repressão são hoje lembradas e citadas? Qual a importância de sabermos sobre esses indivíduos?
- A cena seguinte à do velório (1'52") retrata uma situação bem cotidiana de uma família das classes populares. O casal Romana e Otávio, tristes com a morte do amigo e com o conflito com o filho mais velho, estão escolhendo o feijão para a refeição do dia seguinte. Esta cena antológica do cinema foi inventada na montagem teatral por Lélia Abramo, a atriz que interpretava a personagem Romana. Ao separar os feijões, conta as porções pelo número de pessoas da família. Ao separar a quarta porção, lembra-se que o filho mais velho foi embora e devolve os feijões para o pote. Otávio ajuda Romana a escolher os feijões. São aproximadamente 5 minutos apenas de gestos, lágrimas e olhares, sem palavra ou música. Seria interessante discutir com os estudantes a força expressiva desta cena, tão fora dos padrões atuais do cinema e da TV. O que estariam

pensando e sentindo aqueles personagens? De que forma ela resume o drama do filme? Qual a simbologia possível da escolha dos feijões?



Fernanda Montenegro e Gianfrancesco Guarnieri na cena antológica e silenciosa. Foto: Divulgação

- A cena final do filme assemelha-se muito ao movimento gerado pelo assassinato do líder operário Santo Dias da Silva, em São Paulo, durante uma greve, em 1979. Sugere-se que os estudantes pesquisem esse acontecimento que muito se relaciona ao filme e que foi um marco na história recente do Brasil. Próximo à fábrica e território onde vivia Santo Dias da Silva, na zona sul de São Paulo, existe um viaduto que leva seu nome. Será que as pessoas que circulam na região sabem da história deste líder operário?

Bibliografia indicada

Cardenuto Reinaldo, *Por um Cinema Popular: Leon Hirszman, Política e Resistência*, Ateliê Editorial – São Paulo: 2020

XAVIER, Ismail. *Alegorias do Subdesenvolvimento – Cinema Novo, Tropicalismo e Cinema Marginal*, Brasiliense – São Paulo: 1993, Cosac Naif - reedição

XAVIER, Ismail. A Falecida e o realismo, a contrapelo, de Leon Hirszman. *Novos Estudos Cebrap*, n.50, p.191-209, mar. 1998.



Capa do livro de Reinaldo Cardenuto

Verbetes atualizados da ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira.

ADONIRAN Barbosa. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa12474/adoniran-barbosa>. Acesso em: 02 de março de 2023. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

CINEMA Novo. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14333/cinema-novo>. Acesso em: 02 de março de 2023. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

ELES não usam Black-tie. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra71183/eles-nao-usam-black-tie>. Acesso em: 02 de março de 2023. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

GIANFRANCESCO Guarnieri. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6223/gianfrancesco-guarnieri>. Acesso em: 02 de março de 2023. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Material de apoio sobre o filme *Eles não usam Black-tie*, de *Leon Hirszman*
Elaborado pelo Coletivo Janela Aberta – Cinema & Educação

LEON Hirszman. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa13348/leon-hirszman>. Acesso em: 02 de março de 2023. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7



**JANELA
ABERTA**
Cinema & Educação